

Memória e experiência na Teologia feminista

Emilie M. Townes

O que segue é uma conversa entre os personagens principais do romance de Patrick Chamoiseau, *Texaco*, Marie-Sophie e seu pai. Chamoiseau é um escritor da Martinica. Seu romance é uma crônica sobre o processo de liberdade da Martinica desde o governo colonial pelo olhar de Marie-Sophie e seus ancestrais – escravos e alforriados.

Marie-Sophie relembra as palavras de seu pai:

O que eu te falo é a quase verdade, a algumas vezes verdade a meia verdade. Isto é o que é contar uma vida, entrelaçando tudo isso como alguém que entrelaça tudo isso da mesma maneira que alguém trança o junco para construir uma barraca. E a verdade – verdadeira sai deste entrelaçamento.

E Sophie, você não pode ter medo de mentir se quiser saber tudo...¹.

E novamente,

Mas, lendas são memórias maiores que memórias².

E depois, em resposta a isto,

Então Idomenee diria: Mas, o que é a memória?

É a cola, é o espírito, é a seiva, e isto permanece.

Sem memórias, não há cidades, não há quartéis, não há grandes gaiolas.

Quantas memórias? Ela perguntaria.

Todas as memórias, ele responderia. Até aquelas que o vento e o silêncio levam à noite. Você tem que falar, dizer, contar as histórias, viver as lendas. Este é o porquê³.

Eu quero me deter na memória e na experiência da Teologia Feminista. Eu relaciono estas duas idéias porque creio que a memória pressupõe a experiência humana – o real, o imaginado e o fabricado. Lidar com a memória significa que não cometo o erro de tentar criar a história como verdade verdadeira. A história não é exata e, em muitos aspectos, é dependente da memória. Eu penso na memória e na história como atores dinâmicos entre si. Isto diverge do modo corrente de tentar fazer a história mais científica e a memória mais subjetiva. Penso que este dualismo antagônico ajuda a manter história a serviço daqueles que detêm o poder. Se eles escrevem a história oficial do que aconteceu, controlam a informação comunicada de uma geração para outra como verdade absoluta. A verdade não pode estar contida em um pacote puro. O crescimento das microhistórias em torno do mundo para contar a outra parte da história que não está sendo contada é a evidência disto.

Porém, quando consideramos a vida negra, história e memória não têm uma separação rigorosa. Ambas trabalham juntas. Isto não significa que a memória é vista como neutra ou mais verdadeira que a história. A memória, como a história, pode ser ideologicamente construída. Mas eu percebo que a memória nos abre as portas para permitirmos que outros entrem na conversação e contem suas histórias. Assim, nós podemos considerar a importância da experiência – da experiência humana na teologia feminista.

Memórias são a cola, o espírito e a seiva – e isso permanece. Na memória, um tem a verdade verdadeira pelo entrelaçamento da trança da quase verdade, da algumas vezes verdade e da meia verdade. O pensamento teológico tradicional é baseado na quase verdade, algumas vezes verdade e meia verdade sem olhar para a verdade verdadeira. A verdade verdadeira está em *todas* as memórias e histórias – não naquelas lembradas seletivamente ou impostas como a história por aqueles que têm o poder de fazer isso.

1. Patrick Chamoiseau, *Texaco*, trans. Rose-Myriam Rejouis and Val Vinokurov (Vintage Books; Reprint edition, March 1998), 122.

1. Chamoiseau, 176.

2. Chamoiseau, 178.

Então, com a idéia de olhar para a verdade verdadeira que é encontrada nas memórias que são maiores do que memórias, eu quero me deter no que entendo do fazer teologia na perspectiva de uma mulher negra nos Estados Unidos. Primeiro deixe-me começar declarando o que é obvio. Eu tenho sido uma garota ou uma mulher negra a vida inteira. Isto não muda. Então em vários aspectos esta questão me leva a buscar o significado de fazer teologia. Segundo, deixe-me dizer que já comecei a fazer isso, à medida que iniciei esta breve discussão em respeito a memória e a história.

Começo questionando a crença de que existe uma posição objetiva em qualquer conceito teológico. A teologia está localizada na vida, na experiência e no testemunho daquelas e daqueles que fazem teologia. A teologia é a fala sobre Deus, mas, é uma fala *humana* sobre Deus. Isto significa que insisto em que nós reconhecemos o elemento humano na reflexão teológica. Podemos usar isto como uma força e não como algo a ser negado ou visto como uma fraqueza. A fraqueza está em não reconhecer o quanto de nossas vidas e nossas histórias é parte da reflexão teológica.

Neste ponto, deixe-me falar sobre o que entendo por experiência. Há muitas partes: vida cotidiana, histórias, memórias, folclore, cultura (arte, música, religião, esporte, humor, pensamento intelectual). Tomar a experiência como ponto de partida, significa fazê-lo sistematicamente, intencionalmente, cuidadosamente, precisamente, rigorosamente. Não é suficiente dizer "Eu penso que...". Tenho que ter capacidade de dizer exaustivamente porque penso isso. Um exemplo é o cristianismo evangélico dos Estados Unidos no início dos anos 1800. A população dos EUA estava sentindo-se marginalizada por causa da mudança da economia agrícola para a economia industrial. As pessoas estavam em busca de identidade e propósito. A religião e as comunidades religiosas ajudaram a diminuir a tensão e também ajudaram as pessoas a encontrarem o significado para suas vidas. Durante este período, uma

grande soma de dinheiro foi gasta para ajudar as congregações pobres formadas por brancos e iniciar novas igrejas com a classe trabalhadora da vizinhança.

Portanto, durante este período, havia diferenças entre negros e brancos no que se refere à conversão e à salvação durante este período. Os brancos, como regra, tinham experiências religiosas que estavam polarizadas entre o individualismo e a comunidade. Em seus mundos religiosos, criaram símbolos poderosos de pecado mundano (não dançar, abstinência – sexo, comida, bebida). Também havia uma forte ênfase no pecado original. Os escravos negros tinham uma experiência religiosa focada em uma celebração comum. Eles não enfatizavam o pecado original. Porém, eles oravam para serem libertos do pecado no contexto da escravatura. A experiência da brutalidade física e emocional da escravatura era mais efetiva do que a doutrina do pecado original em criar o auto desprezo. Um simples modo de pensar sobre como diferentes experiências de vida afetavam a visão religiosa e a teologia era que os brancos seriam destruídos e os negros ascenderiam.

Todos nós fazemos teologia a partir da experiência de nossos encontros com Deus em nossas vidas e na vida de outros. Isto era verdade para Tillich e Barth e Agostinho e Aquino. A diferença é que hoje nós reconhecemos que nossas tentativas para alcançar uma posição teológica universal ou objetiva é difícil e talvez impossível de alcançar. Isto significa repensarmos a razão pela qual fazemos reflexões teológicas e pensarmos cuidadosamente sobre as conseqüências de como falamos sobre Deus.

As teólogas negras nos EUA iniciaram a partir da experiência e da história dos negros nos EUA. Depois se detiveram na história e experiências das mulheres negras, dentro dessa experiência e história comum. Também levamos a sério as histórias folclóricas e os contos de mãe (senso comum). Isto nos tem levado a desenvolver uma metodologia teológica diferente das fórmulas

teológicas clássicas que começam com conceitos (ex: pecado, salvação, eclesiologia, graça).

Começamos com uma experiência para entendermos esta experiência. Usamos uma metodologia inter-estruturada que inclui classe, gênero e raça. Isto significa que a opressão se torna uma categoria teológica e um problema teológico que temos que entender. Opressão como categoria teológica é diferente de explorar a doutrina do pecado. É redefinir o objeto da doutrina do pecado no individual, no comunal, no estrutural e no nível pessoal. Ao invés de recorrer a dualismos antagônicos, procuramos o diálogo.

Portanto, entendo que se eu não fizer teologia pesquisando as memórias paralelamente à história do que significa para todos nós viver neste planeta, então estou cometendo um pecado. Nós estamos cometendo um pecado porque não respeitamos àqueles que vieram antes de nós e valorizaram suas vidas. Não damos o verdadeiro valor e dignidade que nossas experiências merecem. A verdade verdadeira não é encontrada em um conceito, em uma categoria teológica,

num grupo ou num período da história. A verdade verdadeira de incluir classe, gênero e raça como categorias teológicas significa que sou desafiada a pensar além das estreitas categorias que desenvolvo, daquelas que herdei ou daquelas impostas pelas doutrinas da igreja, ou confissões de fé. Isso significa que tenho que me abrir para aquilo que os outros têm a dizer sobre como Deus trabalha em suas vidas enquanto devo me colocar como responsável por falar, pensar e orar o mais completa e profundamente que puder, sobre como Deus trabalha em minha vida.

Se não valorizo devidamente as experiências como doutrinas ou afirmações de fé ou conceitos esotéricos, simplesmente faço o que tem sido feito por séculos em nome de Deus – oprimir as pessoas, suas culturas, seus valores e suas vidas. Viver num mundo de conceitos aos quais devemos nos adequar é não levar a sério que a revelação de Deus é contínua e que você e eu somos parte desta revelação, se dissermos que queremos ser fiéis.